**Priorizar a aprendizagem de línguas estrangeiras, apesar dos pesares[[1]](#footnote-1)**

*Paulo Roberto Boa Sorte Silva - Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS). E-mail: pauloboasorte@bol.com.br*

Há muito tempo, escrever sobre a importância da aprendizagem de uma língua estrangeira pode soar bastante clichê, principalmente quando o assunto é aprender inglês. Dentre os argumentos a favor, muitos de nós já ouvimos dizer que estudar inglês traz benefícios para o currículo, pode aumentar a capacidade do cérebro, eleva a autoestima (pessoas bilíngues são consideradas inteligentes) ou ajuda a lidar com programas da informática somente disponíveis nessa língua etc. Há sempre pontos positivos para o investimento, insistentemente reforçados pelas propagandas dos institutos de idiomas. Por outro lado, a discussão pode se tornar mais complexa quando evocamos questões ideológicas envolvendo a língua do Tio Sam, já que o fato do inglês ser o idioma mais difundido no mundo é claramente explicado por razões econômicas, trata-se da língua mãe da principal potência do globo, os Estados Unidos. Dominação e aculturação passam a ser temas incluídos no debate.

É importante perceber, no entanto, que já não convence dizer que a aprendizagem do inglês nos deixa subservientes ao imperialismo norte-americano. Pode, inclusive, soar etnocêntrico. Isso porque aprender outras línguas traz a compreensão não só de um sistema de comunicação compartilhado por um povo, mas nos faz dar conta da existência de outras culturas, que não são melhores nem piores do que a nossa, e sim diferentes. Nesse sentido, o que pode significar aprender a língua do dominador, correndo o risco de desvalorizar as nossas raízes e nos afastar, cada vez mais, delas, passa a ser visto como a possibilidade de descobrir as intenções dos falantes dessa língua e, com isso, evitar a dominação. Essa ideia foi amplamente discutida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de línguas estrangeiras, lançados pelo Ministério da Educação, em 1997.

Nessa perspectiva, passamos a ver o inglês como um componente essencial na formação de pessoas críticas, capazes de respeitar outras culturas e defender os seus direitos. É claro que, infelizmente, a educação pública brasileira está longe de oportunizar aos seus alunos a oferta de um ensino de inglês de qualidade. Os motivos são inúmeros e poderiam ser explicados em dezenas de artigos como este, mas o que pretendo discutir aqui é como, no caso do Brasil, muitos (e aqui me refiro não só aos governantes como a cada um de nós) não dão atenção ao que considero um direito; o de aprender uma língua estrangeira, deixando passar oportunidades de aprendizagem ou simplesmente não priorizando algo que já deveria estar sendo feito.

Não é porque, dificilmente, conseguiremos aprender uma língua estrangeira nas escolas brasileiras – e isso se une aos preços nada atraentes que os institutos de idiomas cobram pelos seus cursos – que devemos desistir. Exigir dos políticos a necessidade de encarar a situação com seriedade é indispensável, mas não é o suficiente. Entra em questão o que alguns pesquisadores poderiam chamar de aprendizagem autônoma, um despertar para a formação do leitor crítico e consciente do seu papel de cidadão.

Para um bom começo, na época em que a internet está disponível por cerca de dois reais a hora em *lan houses*, *–* note que nem falo em ter computadores em casa conectados à internet de alta velocidade – o aprendiz se vê diante de vídeos, canções, possibilidades de bate-papo com falantes nativos e o acesso a páginas gratuitas que ensinam línguas estrangeiras. Poderia citar exemplos de milhares de pessoas que, antes da rede mundial de computadores existir, já aprendiam línguas estrangeiras por meio de revistas com letras de músicas, obras literárias, fitas cassete, LPs, materiais impressos e muita força de vontade. Não se pode dispensar a televisão. Pelo contrário, para quem se interessa pelo inglês, por exemplo, há os telecursos e, recentemente, a retomada do programa “Inglês com música” da TV Cultura, que fez sucesso há cerca de 30 anos. É importante deixar claro, entretanto, que o futuro falante da língua estrangeira precisará saber utilizar essas ferramentas de forma crítica e consciente, pois a internet e as novas tecnologias por si só não levam à transformação, e sim o uso que se faz delas. É o tão necessário letramento digital.

Certa vez li, em um artigo da renomada professora e pesquisadora brasileira da Linguística Aplicada, Antonieta Celani, que ser monolíngue é um ser semieducado. Ela explica que não falar línguas estrangeiras é fator de impedimento de participação plena do que acontece no mundo. “É ser fadado a viver no aquário e não no mar”. Essa metáfora me parece bastante útil para reforçar o argumento de que aprender línguas estrangeiras é um caminho para evitar a dominação. Essa talvez não seja uma prioridade dos faltantes de inglês, pois a situação para eles é cômoda, a sua língua tem o status de internacional e a sua economia é dominante. Com isso, podemos enxergá-los vivendo em um aquário, que é o mais rico, o mais moderno e bem equipado do mundo, mas, mesmo assim, eles não vivem no mar. Reforçando a metáfora da professora, o mar é para aqueles que sabem mais de uma língua e, por essa razão, têm condições de ir além do que é somente rico e moderno, isto é, navegam livremente por outros ricos lugares e também pelos pobres e infinitos mares. Isso dá ao falante de outras línguas a possibilidade de fazer as suas próprias escolhas e não se limitar, simplesmente, a consumir o que lhe for entregue, como acontece com os peixes de um aquário.

Se esperarmos por transformações imediatas no ensino público de línguas estrangeiras no Brasil, adiaremos a possibilidade de desfrutar do conhecimento de todas as riquezas culturais que existem pelo mundo, adiaremos a possibilidade de sair do nosso aquário e navegar os mais diversos mares e, o que é pior, imitaremos muitos americanos em seu comodismo monolíngue. Não se pode esquecer que, ao explorar as diferentes formas de pensar, estamos preservando a nossa rica cultura e abrindo espaços para apreciar e compreender as diferenças. Sob esse prisma, reforço que temos não só a necessidade, como também o direito de aprender línguas estrangeiras, pois esse fato passa a ser visto como algo que não nos distancia da nossa cultura, mas que ajuda a valorizá-la e enriquecê-la.

1. Artigo publicado no Jornal da Cidade de Aracaju-SE, em 2 de junho de 2012. [↑](#footnote-ref-1)